

TIMOTHY KELLER

AUTOR BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

ESPERANÇA EM TEMPOS DE MEDO

A RESSURREIÇÃO E O SIGNIFICADO DA PÁSCOA


VIDA NOVA

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	9
PREFÁCIO.....	11
INTRODUÇÃO.....	15
1. Uma certa esperança.....	27
2. Uma esperança futura.....	55
3. Uma esperança gloriosa.....	79
4. Uma esperança subversiva	99
5. A grande inversão.....	113
6. Esperança pessoal: 1	127
7. Esperança pessoal: 2	143
8. Esperança para você	167
9. Esperança para os relacionamentos	191
10. Esperança de justiça	215
11. Esperança diante do sofrimento	237
12. Esperança para o futuro.....	261
<i>Epílogo: A pedra angular e as trevas</i>	289

AGRADECIMENTOS

Parece piedoso demais começar agradecendo a ajuda de Deus, mas é imperioso que eu faça. Creio, é claro, que todo livro ou sermão que escrevi ou ministrei fazem parte do plano de Deus e que, sem violar a responsabilidade que nos cabe, ele “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.11). Deus tem milhões de boas razões, geralmente não reveladas, para tudo o que acontece, porém, parte dessas razões foi mais fácil de ver neste caso do que nos demais. Meu editor, Brian Tart, sugeriu um livro sobre a Páscoa que fosse uma espécie de complemento ao livro *O natal escondido*. Comecei então a escrever um livro sobre a ressurreição, mas logo em seguida veio a pandemia da covid-19, e eu fui diagnosticado com câncer no pâncreas. Essas coisas, conforme diz Samuel Johnson, “deixam a mente espetacularmente concentrada”. Escrever em tempos de trevas como estes me ajudou a ver na ressurreição profundidades novas de consolo e poder. Não digo isso como se este livro fosse melhor do que os outros que escrevi. Deixo aos leitores tal incumbência. No entanto, senti como nunca, neste livro, a direção e o socorro de Deus.

A cada livro, crescem meu apreço e gratidão pelo círculo de amigos e de colegas que, ao longo dos anos, tornaram possível eu escrever. Houve aqueles que providenciaram para mim e Kathy lugares e ambientes maravilhosos para trabalhar, entre eles, Ray e Gill Lane, de Ambleside, na Cúmbria, no Reino Unido, e Janice Worth, de Palm Beach Gardens, na Flórida. Com relação aos editores, David McCormick e Brian Tart formaram uma equipe cuja orientação editorial e literária no decorrer de mais de vinte títulos pela Penguin (!) contribuiu para que tudo desse certo. Vocês dois são a equipe dos sonhos de qualquer autor.

PREFÁCIO

Quando tive câncer de tireoide em 2002, li uma obra magistral de 800 páginas, *A ressurreição do Filho de Deus*, de N. T. Wright. Não foi apenas uma ajuda enorme para minha compreensão teológica, mas, naquelas circunstâncias, foi também um incentivo que me revigorou diante da minha maior sensação de mortalidade. Lembrei-me e tive a convicção de que a morte fora derrotada em Jesus e que, no meu caso, ela também seria derrotada.

Agora, cerca de vinte anos depois, escrevi um livro sobre a ressurreição de Jesus e vejo-me novamente diante de um diagnóstico de câncer. Desta vez no pâncreas, e tudo indica que a situação é muito mais séria e o tratamento é bem mais desafiador.

Escrevo também em meio à pior pandemia em um século. Muitas pessoas estão vivendo com medo de adoecer e de morrer. Meu apartamento em Nova York fica próximo dos grandes hospitais da cidade e, especialmente, durante o auge da contaminação pelo vírus, havia um clarão constante nas janelas acompanhado o tempo todo do som lúgubre das sirenes e do brilho de luzes vermelhas. A esperança de uma solução para o vírus e de uma rápida reviravolta é uma frustração constante.

Contudo, a pandemia trouxe outros problemas além apenas da doenças. É possível que haja grandes distúrbios que deverão piorar ainda mais quase todos os setores da nossa sociedade e que perdurarão por muitos anos. Talvez estejamos próximos de um nível de desemprego sem precedentes desde a Grande Depressão, com a falência de inúmeras empresas, a contração dolorosa de setores inteiros da indústria, déficits fiscais enormes que colocarão em risco a vida de milhões de pessoas que dependem dos serviços e das aposentadorias concedidos pelo governo, além do

transtorno na educação pública e privada. E isso é só o que me vem à mente por enquanto ao escrever nestes primeiros dias de crise. Haverá inevitavelmente outras dificuldades que não podemos prever. Seja como for, aqueles mais vulneráveis, social e economicamente, pagarão um preço mais elevado. Não bastasse tudo isso, o isolamento social trouxe consigo o desespero e um sentimento de desesperança para milhões.

Em meio ao número avassalador de mortes pelo coronavírus, durante do verão de 2020, irromperam nas ruas protestos contra um tipo diferente de morte, pouco depois do assassinato de George Floyd pela polícia de Minneapolis. As manifestações ocorreram em mais de duas mil cidades dos Estados Unidos e no mundo todo, atraindo milhões de pessoas, o que fez desses protestos sociais os maiores da nossa história, muito maiores do que os ocorridos durante o movimento pelos direitos civis na década de 1960, liderados pelo dr. Martin Luther King Jr.

Quase todos os protestos atuais se ocuparam do racismo prevalente em nossa sociedade de modo geral. No entanto, como sou velho o bastante para me lembrar em primeira mão dos protestos do movimento pelos direitos civis, há um contraste que me deixa perplexo. Os protestos e apelos à justiça que tivemos recentemente, por mais que nos encorajem sob vários aspectos, têm pouco da mesma sensação de esperança que tinham os movimentos do passado.

Na obra-prima de dr. King, “I have a dream speech” [“Eu tenho um sonho”], ele diz:

Essa é nossa esperança. Essa é a fé com a qual retorno ao Sul. Com esta fé poderemos talhar da montanha do desespero uma pedra de esperança. Com esta fé poderemos transformar os acordes dissonantes de nossa nação em uma bela sinfonia de fraternidade. Com esta fé poderemos trabalhar juntos, orar juntos, lutar juntos, ir à cadeia juntos, defender a liberdade juntos, conscientes de que seremos livres um dia.

A referência de King à “pedra de esperança” talhada da montanha do desespero é uma referência a Daniel 2.34,35,45. O capítulo era uma visão divina do futuro dada ao rei da Babilônia em um sonho. Nessa visão, os reinos idólatras deste mundo são esmagados por uma pequena pedra “talhada” de uma montanha “mas não por mãos humanas”, que cresce em seguida se tornando uma montanha de justiça e de paz que enche a terra. Os intérpretes cristãos entenderam que a pedra era o reino de Deus, uma obra sobrenatural (“não de mãos humanas”), sendo inicialmente uma coisa pequena, aparentemente destituída de poder, mas que destrói, por fim, os regimes orgulhosos que perpetuam o mal e a opressão. Dr. King usou a imagem com grande habilidade retórica, porém ela é mais do que isso. “O reino do céu é comparável a um grão de mostarda”, diz Jesus em Mateus 13.31,32, “mesmo sendo a menor das sementes, quando cresce [...] se torna uma árvore, de modo que as aves do céu vêm e se aninham em seus ramos”.

Martin Luther King não permitiu que a impotência financeira e política dos afro-americanos dos Estados Unidos frustrasse as esperanças que ele cultivava. O racismo sistêmico oculto e a exclusão e a violência raciais explícitas que os líderes dos direitos civis enfrentavam nas décadas de 1950 e de 1960 eram colossais. No entanto, ele sabia que era assim que Deus operava — a partir de pequenos começos e fragilidades por meio do sacrifício e do serviço em direção à mudança. Dr. King não era apenas um otimista que transmitia simpatia. Leia seus discursos e cartas e você verá que ele se irava e tinha receios palpáveis em relação ao movimento, porém havia sempre uma nota de esperança.

Ressalta-se com frequência que o movimento dos direitos civis foi liderado por pastores afro-americanos e líderes cristãos, portanto as citações bíblicas que permeiam seus discursos e apelos à justiça não eram mera grandiloquência. Tratava-se de declarações de fé e de esperança enraizados em Deus.

Morte, pandemia, injustiça, colapso social, precisamos mais uma vez, desesperadamente, de uma pedra de esperança.

E não há maior esperança possível do que crer que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos. Paulo diz que ele foi “crucificado em fraqueza, porém ele vive pelo poder de Deus” (2Co 13.4). Se compreendermos este fato maravilhoso da história, veremos que embora as coisas possam piorar, essa esperança se tornará uma luz em nossa vida quando todas as demais tiverem se apagado. É por isso que Paulo acrescenta: “Pois nós também somos fracos nele, mas viveremos com ele pelo poder de Deus”.

Este é um livro sobre a ressurreição de Jesus. Não estou tentando reproduzir aqui o mesmo trabalho exaustivo sobre as fontes e evidências históricas da ressurreição de que se ocupou N. T. Wright, tampouco sou capaz de fazê-lo. No início do livro, tentarei resumir muito da sua obra, a qual não creio que possa ser melhorada no momento atual. Como sou pregador, e não acadêmico, vou me concentrar na ressurreição como chave para a compreensão da Bíblia toda e para enfrentar os desafios da vida — ao sofrimento, à mudança pessoal, à injustiça, à clareza moral e à incerteza em relação ao futuro.

Teoricamente, todos nós sabemos que podemos morrer a qualquer momento. Contudo, o diagnóstico de um câncer, um problema cardíaco ou a ameaça de uma pandemia nos lança no reino daqueles para quem esse conhecimento se transforma em uma realidade imediata. Nestes tempos sombrios, para a maior parte do mundo e para mim pessoalmente, em que desejamos ardentemente a esperança e nos aferramos a ela, não há melhor lugar para olharmos do que a ressurreição de Jesus Cristo.

INTRODUÇÃO

[Ele] nos regenerou para uma viva esperança, segundo a sua grande misericórdia [...] de modo que vossa fé e esperança estejam em Deus (1Pe 1.3,21).

Uma nova era de ansiedade

Antes mesmo da pandemia da covid-19 em 2020 e suas consequências, o mundo ocidental já atravessava uma crise crescente de esperança.

Durante pelo menos dois séculos, as culturas ocidentais foram animadas por uma forte esperança de que a história avançava progressivamente, de que a raça humana se movia inexoravelmente rumo à criação de um mundo cada vez mais seguro, próspero e livre. Em suma, havia a crença muito consolidada que, de modo geral, as gerações de seres humanos desfrutariam de um mundo melhor do que desfrutara a geração anterior. Esse foi um dos legados do Iluminismo europeu, cujos vultos em grande número prediziam que a razão humana, sua engenhosidade e ciência, uma vez libertas das superstições do passado, trariam consigo inevitavelmente um futuro melhor.¹

Mas aí veio o século 20. Em 1947, W. H. Auden escreveu um poema que tomava um livro inteiro: *A era da ansiedade*. O poema é sobre quatro pessoas em um bar de Manhattan conversando sobre suas vidas e sobre a vida. A obra ganhou o Prêmio Pulitzer, mas raramente alguém a lê. O que chamou a atenção foi seu título, que parecia captar o momento cultural. Em menos de quatro décadas, o mundo havia passado por duas grandes guerras, uma

pandemia e a Grande Depressão. Na época, caminhava-se para décadas de uma Guerra fria com armas nucleares que opunha o ocidente às nações comunistas.

Contudo, com o fim da Guerra Fria, em 1989, a antiga crença no progresso humano inevitável parecia reviver. Houve até quem anunciasse “o fim da história” querendo dizer com isso que os embates letais entre as grandes ideologias — fascismo, comunismo e a democracia ao estilo ocidental — haviam finalmente chegado ao fim. O receio de um clima bélico que pudesse deflagrar um conflito mundial arrefeceu. O capitalismo internacional, alimentado pela globalização, entrou em marcha acelerada e muitas economias pareciam estar prosperando. A era da ansiedade acabara; a chama do otimismo anterior do Iluminismo tornara a acender. O número dos que disseram que as crianças hoje terão no futuro uma vida melhor do que a geração de seus pais é de mais de 50% da população.²

Steven Pinker, um pensador renomado da Universidade de Harvard, é responsável pela base empírica desse otimismo. Seus livros *Os anjos bons da nossa natureza: por que a violência diminuiu* e *O novo Iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo* reúnem dados segundo os quais, no mundo todo, a violência, as guerras e a pobreza estão diminuindo, bem como estão aumentando a expectativa de vida e o aprimoramento dos cuidados com a saúde.³

Pinker se limita a medidas empíricas de conforto e segurança; já Yuval Noah Harari diz coisas mais contundentes. Em seu *best-seller* de 2017, *Homo Deus: uma breve história do amanhã*, o autor diz que em tempos remotos os seres humanos buscaram a Deus ou deuses unicamente porque não tinham controle sobre o mundo em que viviam. Agora, porém, temos esse controle.

No despertar do terceiro milênio, a humanidade acorda e se dá conta de algo surpreendente. A maior parte das pessoas raramente pensa no assunto, mas conseguimos nas últimas décadas domar a fome, as pragas e as guerras. É claro que esses problemas não

foram completamente sanados, mas foram transformados de forças da natureza incompreensíveis e incontrolláveis em desafios administráveis. Não precisamos orar a deus ou a santo algum para que nos salve deles. Sabemos perfeitamente o que precisa ser feito para evitar a fome, as pragas e as guerras e, geralmente, somos bem-sucedidos nisso.⁴

O título do livro, *Homo Deus*, traduz sua conclusão básica. Não se trata apenas de que não precisamos mais de Deus. A humanidade agora *é* Deus. Somos nossa própria esperança para o futuro, nosso próprio Deus. Temos não apenas esperança, mas certeza de um futuro brilhante porque dispomos de todos os recursos em nós mesmos para torná-lo realidade.

A perda da esperança

Pinker e Harari, apesar de terem muitos seguidores, não são capazes de captar o espírito da era como o captou Auden. Por volta da metade da primeira década do século 21, o número de pessoas que acreditava em uma vida melhor para seus filhos começou a declinar novamente.⁵ O pessimismo, em relação ao futuro de nossos filhos e da sociedade, só se aprofundou ao longo de quinze ou vinte anos, conforme demonstram diversas pesquisas e levantamentos.⁶

Há muitas razões para isso. Alguns citam a polarização e a fragmentação da sociedade que vão além do partidarismo político habitual. Há um tribalismo crescente que revela uma cultura cujo centro está vazio, em que há uma perda de toda e qualquer ideia de bem público compartilhado. Há uma perda profunda da confiança social que parece estar solapando as instituições que até então haviam mantido coesa nossa sociedade.

Há outra categoria de ameaças ao nosso futuro que vem não da ausência de progresso científico e tecnológico, mas, ironicamente, como decorrência dele. Por exemplo, talvez seja

impossível conter a pandemia em razão da facilidade que temos de nos deslocar através de viagens aéreas e também por causa da globalização de nossas economias, tudo isso graças à modernidade tecnológica. Hoje, acredita-se que a polarização e a perda de confiança no que acreditamos tem a ver em grande medida com a contribuição das redes sociais. Existe ainda a ameaça de mudança climática e a possibilidade do terrorismo internacional sem fim, ambas ampliadas pelos avanços científicos. Precisamente, aquelas coisas que deviam nos salvar de perigos terríveis criaram outros.

Andrew Sullivan cita outras razões para o sentimento mais aguçado de ansiedade e de falta de esperança que caracteriza nossa era. Ele se diz grande admirador de Pinker e na crítica que faz a um de seus livros, *O novo Iluminismo*, ele não encontra erro algum em suas conclusões empíricas. Contudo, Sullivan acrescenta: “[Pinker] não consegue explicar por que, por exemplo, há um profundo descontentamento, depressão, uso de drogas, desespero, vícios e solidão nas sociedades liberais mais avançadas”. Diz ele: “À medida que atingimos lenta e seguramente níveis de progresso mais elevados, perdemos alguma coisa que sustenta tudo isso: sentido, coesão e um tipo mais profundo de felicidade que vai além da saciedade das nossas necessidades terrenas”.⁷

Para Yuval Harari, as pessoas se voltavam para Deus no passado em busca de esperança porque não eram capazes de compreender ou de controlar o meio ambiente natural. A religião, porém, tratava de alguma coisa mais profunda do que isso. O dilema humano desde tempos imemoriais não se restringiu apenas a uma forma de controlar a natureza “que aí está”, já que havia um desafio maior do que esse: como controlar a natureza “que aqui está”, isto é, os muitos enigmas e problemas da própria natureza humana. Temos fome de sentido e de propósito. Descobrimos que as coisas que achávamos que fossem nos satisfazer não nos satisfazem. Ficamos chocados com as coisas terríveis que outros seres humanos — e nós mesmos — somos capazes de fazer. O que

podemos fazer a *nosso* próprio respeito? Como diz Sullivan, não basta controlar a natureza externa e são inúmeras as evidências, em um ano de pandemia da covid-19, de que não fomos capazes de controlar e ainda estamos longe de conseguir.

Pinker e Harari acreditam que deixar a religião para trás é parte importante do progresso humano. Contudo, o respeitado filósofo Jürgen Habermas, nos últimos vinte anos, tem se posicionado de maneira diferente. Ele reconhece que a razão secular tem limites e não pode proporcionar absolutos morais e motivações para que alguém sacrifique seus interesses egoístas pelo bem de outros. Habermas, porém, embora não seja cristão, crê que a religião pode propiciar um esteio para a sacralidade de toda a vida humana e uma motivação para o amor sacrificial nos relacionamentos humanos. Estas são coisas que a ciência pura e simples não pode nos proporcionar.⁸ A maior ameaça à nossa esperança de um mundo melhor não é o meio ambiente natural, mas os vários males que brotam sem cessar do coração humano. A ciência não pode erradicar o mal humano — na verdade, ela pode lhe dar mais instrumentos para seus próprios fins. Quando digo “mal”, não quero com isso me referir apenas às erupções horrendas dele, como no holocausto judeu. Tenho em mente as crueldades comuns do interesse pessoal nos negócios, o preconceito racial, a arrogância e o orgulho, a desonestidade e a corrupção e os inumeráveis atos diários de egoísmo que empurram a sociedade mais para baixo.

A esperança da ressurreição

Uma das razões da ascensão notável do cristianismo em seus primeiros séculos foi que ele oferecia recursos para que houvesse esperança em face das inúmeras pandemias urbanas que devastavam o mundo romano. Durante uma entrevista, perguntaram ao historiador Kyle Harper, que escreveu sobre as pandemias do passado, como foi que o cristianismo continuou a prosperar e a crescer naqueles tempos sombrios. Ele disse:

Para [os cristãos], tratava-se de um programa positivo. Esta vida sempre fora entendida como algo transitório, sendo apenas parte de uma história maior. Para os cristãos, o importante era orientar a vida na direção dessa história, a história cósmica, a história da eternidade. De fato, eles viviam neste mundo, sofriam e amavam outros. No entanto, para os cristãos daquela época a história desta vida era simplesmente uma das histórias em que viviam. O mapa oculto era esse cenário mais amplo.⁹

O “mapa oculto” do cristão ia muito além das consolações religiosas comuns. Por exemplo, outras religiões falavam da possibilidade não muito certa de uma vida melhor depois da morte, contanto que o indivíduo tivesse tido um desempenho moral satisfatório. A esperança cristã excedia essa aspiração ilusória sob todos os aspectos. O termo bíblico *elpida*, que em português traduzimos por um termo menos impactante, *esperança*, significa certeza profunda. Para o cristão, até a circunstância mais severa é parte de uma história dirigida por Deus em todos os momentos na direção não apenas de algum tipo de vida depois da morte, mas da ressurreição de nosso corpo e da nossa alma em um novo céu e uma nova terra transformados.

Toda essa esperança gira em torno de um evento bombástico: a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. É isso o que o verdadeiro cristianismo oferece a um mundo que perdeu a esperança.

Os cristãos aos quais Pedro escreveu já haviam sido “afligidos por várias provações” (1Pe 1.6) e estavam agora em meio a “provações de fogo ardente” (1Pe 4.1). Contudo, Pedro traz a eles à lembrança: “[Ele] nos regenerou para uma viva esperança, segundo a sua grande misericórdia, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos [...] de modo que vossa fé e esperança estejam em Deus” (1Pe 1.3,21). A realidade da ressurreição significa que temos esperança no futuro que não se baseia nos avanços científicos e nem no progresso social, mas no próprio Deus (1Pe 1.21). Não se trata

de mera crença intelectual, mas, como diz Pedro, é uma “esperança viva”, uma parte vital da nova vida espiritual que sobrevém ao cristão pelo Espírito Santo por meio do que o Novo Testamento chama de “novo nascimento”. A fé na ressurreição introduz essa esperança nas profundezas da nossa alma. Ela se torna de tal modo parte de quem somos que nos permite enfrentar qualquer coisa.

Mas o que é essa fé na ressurreição capaz de se tornar uma esperança viva que queima dentro de nós como fogo que aquece e nos enche de energia? Como obtê-la?

Conhecendo a ressurreição

O primeiro passo é crer que a ressurreição de Jesus Cristo realmente aconteceu. A ressurreição pouco serve se for um mero símbolo. Conforme veremos, a crença na ressurreição era tão difícil na época de Jesus quanto é para nós hoje. Para as visões de mundo antigas e modernas, a ressurreição dos mortos é simplesmente impossível. As evidências da ressurreição de Jesus eram tremendas. Elas respondiam às objeções intelectuais das pessoas daquela época e ainda são capazes de fazer hoje.

Contudo, aceitar o simples fato da ressurreição não faz dela automaticamente uma esperança viva para nós. É preciso que compreendamos não apenas que ela aconteceu, mas também, e tão importante quanto isso, o que ela significa. Muitos de nós terão dificuldade em pensar em uma ocasião em que ouvimos uma análise exaustiva da ressurreição no púlpito, exceto no domingo de Páscoa. Nos púlpitos das igrejas protestantes liberais, a ressurreição é normalmente compreendida como um conceito geral, um símbolo de que, de algum modo, o bem triunfará sobre o mal. E quando a ressurreição é pregada nos púlpitos das igrejas evangélicas, o sermão consiste, com frequência, em um longo argumento segundo o qual ela realmente aconteceu. No entanto, uma coisa é ter conhecimento da ressurreição; outra coisa diferente, conforme diz Paulo, é “*conhecer o poder da sua ressurreição*” (Fp 3.10), conhecê-la

pessoalmente e por experiência própria. Surpreendentemente, a igreja não recebeu muita orientação a esse respeito.

Na tradição da minha igreja, presbiteriana e reformada, as teologias sistemáticas clássicas dão muito mais atenção à morte de Jesus na cruz do que à sua ressurreição. Charles Hodge, o teólogo de Princeton, gasta 127 páginas sobre a cruz e apenas quatro sobre a ressurreição. Outras análises teológicas procedem de maneira semelhante.¹⁰ Sam Allberry diz que muitos cristãos, embora creiam na ressurreição e a declarem no domingo de Páscoa, “eles a colocam de volta na gaveta durante o resto do ano” porque “não sabem o que fazer com ela”.¹¹ Versículos como Romanos 4.25, “ele [foi] ressuscitado para a nossa justificação”, mostram a nós que não é apenas a morte de Jesus, mas também sua ressurreição que nos salva. Contudo, quando a maior parte dos cristãos faz uma apresentação do “evangelho” para explicar como podemos nos salvar, eles discorrem exclusivamente sobre a cruz e fazem da ressurreição um apêndice, ou a deixam de fora completamente.

A boa invasão

A ressurreição não é um truque estupendo de mágica, e sim uma invasão. E o evento que nos salvou — o movimento da cruz para a ressurreição — refaz agora a vida dos cristãos de dentro para fora, pelo poder do Espírito.

A cruz juntamente com a ressurreição juntas — e apenas juntas — trazem a nova criação futura, o poder onipotente por meio do qual Deus renova e cura o mundo todo, *para o nosso presente*. Quando Cristo pagou a dívida do pecado na cruz, o véu do templo se rasgou de cima a baixo (Mt 27.51). O véu representava a separação da humanidade da presença santa de Deus. Essa presença fizera uma vez da terra um paraíso e agora, por causa da morte de Cristo, ela *pode* vir até nós e, por causa da ressurreição de Cristo, ela *vem de fato* até nós. O Cristo ressurreto nos envia o Espírito Santo e tanto Cristo quanto o Espírito são as “primícias”

(Rm 8.23; 1Co 15.20-23), o “penhor” (Ef 1.13-14; 2Co 1.22, 23; 5.5 KJV), a primeira parcela, o pagamento à vista do triunfo futuro sobre a morte e de um mundo material novo e refeito. Esse poder de renovação do futuro está aqui apenas parcialmente, porém, é real e substancial e entrou no presente mundo.

O “poder incomparavelmente grande” com que Deus ressuscitou Jesus dos mortos está agora conosco (Rm 8.23; Ef 1.19-20). Portanto, devemos viver na “luz” da “nova criação” futura (Rm 13.11-13; Gl 6.15; cf. 1Co 6.1-2). Em outras palavras, participaremos daquela vida ressurreta futura da forma como vivemos hoje. Se Jesus ressuscitou dos mortos, tudo muda: o modo como nos relacionamos, nossas atitudes em relação à riqueza e ao poder, a forma como trabalhamos em nossa vocação, a compreensão e a prática da sexualidade, as relações de raça e a justiça.

Além disso, a cruz e a ressurreição juntas — somente juntas — nos dão a forma ou o padrão pelo qual os cristãos agora “vivem à luz da nova criação”. A cruz e a ressurreição são a grande inversão. Cristo nos salva através da fraqueza, abrindo mão do poder e sucumbindo a uma derrota aparente. Contudo, ele triunfa — não a despeito da fragilidade e da perda de poder, mas *por causa disso e através disso*. A grande inversão se torna uma “dinâmica” que “se abre a um ritmo de vida, a uma ética e a uma forma de olhar o mundo e de viver nele”, bem como a todos os aspectos da vida.¹² Ao viver esse princípio, morte e ressurreição, nós renovamos a vida humana aqui — apenas parcialmente, porém de forma substancial. A presença “já, mas ainda não” da nova criação evita tanto a ingenuidade quanto o cinismo, tanto a utopia quanto o derrotismo.

Um esboço do livro

Esta é a tese básica deste livro: que a ressurreição, a grande inversão, concede a nós o poder e o padrão para viver a vida agora conectada à nova criação futura de Deus.

Para desenvolver esse tema, começarei no capítulo 1 pela análise da ressurreição como fato histórico. É claro que ela é muito mais do que isso, mas não é menos. O ceticismo moderno em relação ao sobrenatural torna difícil para as pessoas acreditar na ressurreição histórica e física de Jesus. Contudo, sem o milagre da ressurreição, nossa confiança infalível em um triunfo futuro sobre o mal e a morte desaparece. Portanto, nos próximos quatro capítulos, discutirei de que modo a ressurreição, enquanto grande inversão, é a chave para compreendermos o enredo da Bíblia toda, além de princípio operador da vida do cristão. Nos capítulos 6 e 7, analisarei de que maneira principia a fé na ressurreição pessoal examinando cinco estudos de casos famosos: Maria, João, Tomé, Pedro e Paulo. Nos cinco capítulos restantes, irei me deter em áreas específicas da vida e investigarei de que maneira a ressurreição nos proporciona recursos singulares para vivermos de modo fiel cada uma delas.

Talvez seja essa a vantagem mais comum e cotidiana da ressurreição. Não seguir a um mestre morto e reverenciado, e sim a um Senhor ressurreto, é tê-lo efetivamente *conosco*. Em Apocalipse 3.20, Jesus diz que ele “está à porta e bate” e se “alguém ouvir a minha voz e abrir a porta”, Jesus entrará e ceará com ele “e ele comigo”. Acredita-se geralmente que este é um convite ao não crente, para que “abra o coração a Jesus”, contudo, no contexto de Apocalipse 3, Jesus está falando à igreja, aos cristãos. Cear com alguém era e é ter comunhão com uma pessoa. Jesus está dizendo aos crentes que há um potencial de comunhão rica e profunda com ele, que permitirá conhecer a ele e ao seu amor, mas que não se costuma explorar.

Por causa da ressurreição, ele não é um autor falecido que só conhecemos por meio de seus livros. Ele está vivo e nos chama: “Eis-me aqui”, ele diz a você (Ap 3.20). Abra a porta, ame-o e ouça-o. Aqueles que fizerem, “despertarão do desespero e porão de lado as imaginações das trevas”.¹³

Notas

¹Veja o capítulo 12 (“Esperança para o futuro”) para mais informações sobre o modo pelo qual esse otimismo e esperança acerca do futuro se desenvolveram historicamente no Ocidente.

²Pew Research Center, “Once again, the future ain’t what it used to be”, May 2, 2006, p. 1, disponível em: <https://www.pewresearch.org/social-trends/2006/05/02/once-again-the-future-aint-what-it-used-to-be/>, acesso em: 23 ago. 2021.

³Steven Pinker, *The better angels of our nature: why violence has declined* (New York: Viking Books, 2011); e *Enlightenment now: the case for reason, science, humanism, and progress* (New York: Viking Books, 2018) [publicado em português por Companhia das Letras sob o título *Os anjos bons da nossa natureza: por que a violência diminuiu*]; [publicado em português por Companhia das Letras sob o título *O novo Iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo*].

⁴Yuval Noah Harari, *Homo Deus: a brief history of tomorrow* (New York: Harper, 2017), p. 1-2. [publicado em português por Companhia das Letras sob o título *Homo Deus: uma breve história do amanhã*]. Para este excerto, consulte: <https://medium.com/thrive-global/the-new-human-agenda-d0ae506779a>.

⁵Pew Research Center, “Once again, the future ain’t what it used to be”, May 2, 2006, p. 1-2, disponível em: <https://www.pewresearch.org/social-trends/2006/05/02/once-again-the-future-aint-what-it-used-to-be/>, acesso em: 23 ago. 2021.

⁶Kim Parker, Rich Morin e Juliana Horowitz, “Looking to the future, public sees an american decline on many fronts”, Pew Research Center, March 21, 2019, disponível em: <https://tinyurl.com/yxcdd4vw>, acesso em: 23 ago. 2021.

⁷Andrew Sullivan, “The world is better than ever. Why are we miserable?”, *New York*, March 9, 2018, disponível em: <https://nymag.com/intelligencer/2018/03/sullivan-things-are-better-than-ever-why-are-we-miserable.html>, acesso em: 23 ago. 2021.

⁸Jürgen Habermas, *An awareness of what is missing: faith and reason in a post-secular age* (Malden: Polity Press, 2010), veja esp. p. 18-9.

⁹Rod Dreher, “The germs that destroyed an empire”, *The American Conservative*, April 24, 2020, disponível em: www.theamericanconservative.com/dreher/roman-empire-plague-germs-kyle-harper, acesso em: 23 ago. 2021.

¹⁰Richard Gaffin apresenta um levantamento das teologias sistemáticas clássicas, tradicionais, para mostrar como a cruz e a expiação recebem muito mais atenção do que a ressurreição. Veja a alentada nota de rodapé n. 2 na p. 12 de Richard B. Gaffin, *Resurrection and redemption: a study in Paul’s soteriology* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1987).

¹¹Sam Allberry, *Lifted: experiencing the resurrection life* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 2012), p. 15-6.

¹²Christopher Watkin, *Michel Foucault* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 2018), p. 81.

¹³De J. R. R. Tolkien, *The Silmarillion* (Boston: Houghton Mifflin, 1977), p. 31 [publicado em português por Martins Fontes sob o título *O Silmarillion*]. Estas palavras descrevem Gandalf, um dos vários “tipos de Cristo” dessa mitologia popular.